

A MORTE NA MÚSICA BRASILEIRA: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA¹

DEATH IN BRAZILIAN MUSIC: A PHENOMENOLOGICAL COMPREHENSION

Arlinda B. Moreno²

Resumo: O tabu da morte permanece em nossa sociedade e a cada dia mais se morre, entre o escondido e o espetáculo, sem essa parte inexorável da vida refletida. Objetivou-se apresentar uma compreensão da experiência da morte na ótica fenomenológico-existencial, tendo como unidades de análise letras de canções brasileiras. A análise compreensiva via temáticas emergentes (essências), norteadas pelos escritos de Kierkegaard, Heidegger e Sartre, baseou-se na fenomenologia semiótica, conforme Lanigan. Vinte letras musicais brasileiras foram selecionadas sendo extraídas as seguintes temáticas emergentes: crueldade, desamparo, heroísmo, imprevisibilidade, moto-perpétuo, mutilação, vulnerabilidade. Pela compreensão fenomenológica, surge a permanência da “morte imorredoura” como vida nas histórias humanas e o paradoxo da morte em visadas de autenticidade e inautenticidade. Espera-se que esse trabalho possa servir como elemento de reflexão que auxilie profissionais da saúde na abordagem da temática da morte junto a pacientes fora de possibilidades terapêuticas curativas (cuidados paliativos) e famílias enlutadas.

Palavras-chave: Morte; Luto; Fenomenologia; Existencialismo; Canção.

Abstract: The taboo of death persists in our society and although, every day, between concealment and spectacle, more people die, we fail to reflect on this inexorable part of life. This study offers an understanding of the experience of death from a phenomenological-existential perspective, taking the lyrics of Brazilian songs as its units of analysis. Guided by the writings of Kierkegaard, Heidegger, and Sartre, Lanigan’s semiotic phenomenology was used in an analysis to produce understanding via emerging themes (essences) from the lyrics of 20 songs. The themes extracted were: cruelty, helplessness, heroism, unpredictability, perpetual motion, mutilation and vulnerability. This phenomenological understanding highlighted the permanence of life as “death that never dies” in the human stories, as well the paradox of death as from a phenomenological viewpoint on authenticity and inauthenticity. This study is intended to serve as fuel for thought and to assist health personnel in approaching the subject of death with patients beyond the reach of curative therapy (in palliative care) and bereaved families.

Keywords: Death; Mourning; Phenomenology; Existencialism; Song.

1 Introdução

Morrer ou não morrer? Eis a questão!

O humano é o único ser consciente de sua morte. Fenomenologicamente, se toda consciência é consciência de algo, o humano contém em si mesmo uma intenção da morte. De modo paradoxal, na vida, interessará morrer (autenticidade) ou não morrer

¹ Uma versão preliminar (sem avaliação por pares) desse artigo foi divulgada no Scielo Preprints - DOI: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.3406>, em 29/12/2021.

² Psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Psicoterapeuta fenomenológico-existencial, pesquisadora independente, pesquisadora em saúde pública aposentada da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fiocruz. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: morenoar@uol.com.br

(inautenticidade), por maior que seja a necessidade atávica que o humano possui de escamotear a morte. Pode-se, durante a vida, assumindo a morte como parte incontestada dela, caminhar de forma própria em relação à qualidade de mortal – autenticamente – ou negá-la, aspirando uma inalcançável imortalidade e chafurdar na vida imprópria (ou inautêntica).

Kierkegaard (1979), discorre acerca desse tema e, sob o ponto de vista cristão, afirma que não é com o passar para uma outra vida que o humano se debate no lodaçal da mortalidade, mas sim, no desespero. Quando a “desesperança é a impossibilidade da última esperança, a impossibilidade de morrer” (KIERKEGAARD, 1979, p. 44), o estar vivo transmuta-se em agonia e sofrimento. O homem desesperançado – sem projeto, no dizer sartreano – é agraciado, conseqüentemente, pela tatuagem indelével da inautenticidade. Viver esperançoso, realizando o cotidiano, é viver acreditando na morte como uma passagem para uma nova dimensão espiritual ou para o que ele (o filósofo) chama de vida. Mas, estar sob a égide da tortura do desespero é “não se poder morrer, como se debate na agonia o moribundo sem poder acabar” (KIERKEGAARD, 1979, p. 43). Essa doença mortal da desesperança assemelha-se à ininteligível doença de Ilitch (TOLSTOI, 2002) que, aparentando intermediar a morte, retrata uma alegoria do desespero humano.

Heidegger refere-se à impossibilidade de se experimentar a morte dos outros e, dessa forma, poder apreender o ser-aí e, em *Ser e Tempo* (§47) (HEIDEGGER, 2000a), ressalta que a experiência propiciada pelo testemunho da morte de outros humanos traz em si a impossibilidade de se morrer por alguém - mormente, no que se refere à vereda ontológica de experimentar a própria morte. Mesmo que seja possível alcançar as entranhas do sofrimento por meio da experiência de perda de um ente querido (ou as raias do regozijo ao observar o desaparecimento ou extermínio de outrem odiado), jamais ocorrerão relatos autênticos (ou apresentações experimentais rigorosas, para agradar aos adeptos das ciências naturais) sobre a experiência do morrer.

Seguindo o veio da mundanidade e da dimensão ôntica da morte, Heidegger brinda a filosofia com o conceito de cotidianidade do ser-aí faceado ao ser-para-a-morte (HEIDEGGER, 2000a). A morte, na tagarelice, acontece sempre com os outros e o dito popular “a morte como única certeza da vida” ao invés de aproximar o humano de sua própria morte e proporcionar-lhe uma experiência autêntica da finitude, afasta-o dessa possibilidade atribuindo ao “*morre-se*” uma completa impessoalidade.

Em *Ser e Tempo* (§52) o paradoxo da morte embebida em “certeza e

indeterminação” apresenta-se como “a possibilidade mais própria, irremissível, certa” do ser-aí (HEIDEGGER, 2000a). O ser-para-a-morte heideggeriano não acontece no encerrar-se da vida ou do que se designa na religiosidade como retorno do pó ao pó, mas sim, da necessidade humana de que sua própria e inegável finitude determine e dê contornos à totalidade do ser-aí. O ser-para-a-morte não é o lúgubre e pessimista caminhar de humanos em direção ao vácuo. Ele é, antes de mais nada, a necessidade de preenchimento, movimento, instabilidade, turbulência, prazer e magnitude que tiram o humano de seu tédio e inação.

Sartre apresenta uma posição contestadora quanto à proposição heideggeriana do ser-para-a-morte, contrapondo-se à característica de singularidade e de propriedade que Heidegger atribui à morte (SARTRE, 1997). Uma vez definida como contingência humana, todas as afetações que constituem a experiência subjetiva do ser configuram-se numa experiência singular, única e insubstituível, não importando se a subjetividade se dá no amor, no ódio, no prazer, na infelicidade, na alegria ou na morte. O autor afirma que ninguém é capaz de subjetivamente amar, odiar, ter prazer, ser infeliz, alegre ou morrer por alguém. Mas, isto sim é possível: ser, objetivamente, substituído por outro nessa tarefa. Na constelação (ou maquinaria) que é a sociedade, podem ocorrer substituições (objetivas) de papéis: por exemplo, uma mãe apavorada pela ameaça patente do assassinato de seu filho amado, pode tentar morrer em seu lugar (SARTRE, 1997).

A possibilidade nadificadora de ser arrebanhado pela morte, objetivamente, transforma, para Sartre, essa mesma morte em alijada por completo da qualidade de esperada ou de inesperada, sendo ela, tão-somente, uma nadificação de todas as possibilidades. Nessa tipificação sartreana da morte exclui-se o poder de estar na vida como uma possibilidade (um constituinte do ser-aí) e de ser a morte o constituinte ímpar do ser-para-a-morte heideggeriano. Por meio de seu conceito de absurdidade, Sartre explicita que a morte retira “da vida toda significação” - ceifando a vida, retira dela mesma, como ação externa, a característica fundamental da espera – o esperar –, transformando essa mesma espera em absurdidade (SARTRE, 1997). A morte sartreana configura-se como “um fato contingente” - aquilo que ocorre por acaso ou por acidente (HOUAISS, s.d), sendo uma facticidade.

Sartre anuncia e teoriza acerca do que chamou equívoco heideggeriano entre “morte” e “finitude”, acrescentando que esta última é o elemento determinante da liberdade. Uma vez que as escolhas humanas são feitas no exercício próprio da liberdade, tem-se a finitude como propriedade da liberdade. Projetos são finitos e escolhas

dependentes do tempo – a liberdade é exercida de forma temporalizada e as escolhas ocorrem conforme o arsenal de subjetividade que as pessoas possuem em dado ponto no tempo (SARTRE, 1997).

Ao pensar a morte, pensa-se também, a vida uma vez que “existe ‘intencionalidade’ sempre que, através de um dado, nós ‘visamos’ algo não dado, sempre que uma certa presença ‘exprimir’ uma determinada ausência” (MOURA, 2007, p. 11).

Por isso, discorre-se um pouco, pouco mesmo, acerca deste tema que traz em si mesmo o eterno aparecer e desaparecer, o jogo de presença e de ausência, o estar e o não estar. Na fenomenologia tem-se o que se mostra e o que se oculta (HUSSERL, 1986) – como sendo o oculto do restante do que se mostra ou, ao mesmo tempo, o mostrar-se daquilo que se oculta. A morte, nesse paradoxo, pode ser dita da mesma maneira como o que mostra a vida quando se oculta ou o que se mostra ocultando a vida.

O historiador Philippe Ariès (2012), em seu clássico “A História da Morte no Ocidente”, faz um percurso impecável sobre a compreensão da morte ao longo dos séculos, ressaltando períodos históricos nos quais a morte é categorizada como morte domada, morte de si mesmo, morte do outro e morte interdita. Ariès (2012) argumenta que a humanidade caminhou, ainda que lenta e desaperebidamente, de uma relação natural com a morte (a “morte domada”, como acontecimento integrante da vida), para um reconhecimento da própria morte (“a morte de si” que traz para os séculos XIII-XVIII os primeiros registros de individualização da morte - no livro discutidos a partir da representação Juízo Final, do quarto do moribundo, do “cadáver decomposto” e das sepulturas) seguida pela minimização da importância da própria morte (dando lugar à “morte do outro”, nos séculos XIX e XX) e, finalmente, a “morte interdita” (oculta, alijada da sacralização e maximizada pelo aparato médico-científico) (ARIÈS, 2012).

Em especial no contexto moderno ocidental, a chegada da chamada morte interdita acirra (pela habitualidade de ocultação da morte, pela saga da perpetuação da vida, pela negação da morte, enfim) o tabu que afasta esse tema da produção científica reflexiva (qualitativa).

Além disso, os aceleradíssimos avanços da técnica imprimem à vida uma velocidade e previsibilidade cada vez mais regidas pela chamada globalização prenehe de algoritmos. No dizer de Harari, conforme Petronio (2003), o dataísmo (ou a “religião dos dados”) transmutará, por meio da “datificação infinita do real”, o mundo material em um imenso universo “imaterial” de informações (PETRONIO, 2003). Esse movimento de redenção à técnica, que privilegia o pensamento calculante em detrimento do pensamento

meditativo (HEIDEGGER, 2000b) também categoriza meritocraticamente vidas em mais ou menos úteis à sociedade, escondendo a morte ao passo que descarta vidas consideradas menos utilizáveis. Todavia, a despeito dessa visão hegemônica, a fenomenologia propicia que formas diversas de vivenciar a morte e a compreensão do morrer possam ser contempladas em seus diversos sentidos como experiências e expressões únicas e aderidas à cultura e ao contexto do vivente.

Uma compreensão mais ampliada sobre a morte pode produzir espaços de fala e trocas capazes de mitigar o tabu que o tema da morte enfrenta, em especial, entre aqueles que trabalham na área da saúde, auxiliando-os assim a refletir sobre o tema. A vida cotidiana dos profissionais de saúde no enfrentamento do tema morte, seja junto aos pacientes – em especial aqueles fora de possibilidades terapêuticas curativas (cuidados paliativos) – ou a famílias enlutadas, é uma tarefa difícil, porém comum e constitutiva da práxis desses trabalhadores. A formação em saúde privilegia o caminho curativo forjando profissionais que devem encarar a morte não como uma parte do processo de vida, mas sim, como uma inimiga. Expressões como “o enfrentamento (ou combate) da morte” são comuns no ambiente da saúde em geral e, de certa maneira, essa postura exigida dos profissionais de saúde reforça a exclusão desse tema como uma necessidade reflexiva, que incorpore a morte à vida. Trabalhos voltados para compreender o impacto da morte (e seu processo de luto) entre os profissionais de saúde ainda são escassos, sendo pertinente, portanto, ampliar discussões sobre o tema (BORGES; MENDES, 2012; FARIA; FIGUEREIDO, 2017; NASSER, *et al.*, 2021).

Seja desespero, condição humana ou facticidade, a morte apresenta-se como uma preocupação existencial e este trabalho se esforça para que a maneira pela qual se entende esse conceito seja revelada por meio das análises de letras de músicas brasileiras. A aposta é que, por meio da leitura (e por que não, produção) de textos (mais especificamente letras de músicas brasileiras) que abordem a temática da morte a partir de outros caminhos que não reforcem a mística e o tabu que a cerca se possa promover, para profissionais de saúde das mais diversas áreas, em especial para aqueles que trabalham com pacientes fora de possibilidades terapêuticas curativas (cuidados paliativos), um espaço de reflexão sobre a finitude humana. Espera-se também que esta reflexão possa colaborar no árduo trabalho da saúde no processo de conclusão da vida. Este texto pretende, portanto, apresentar uma compreensão fenomenológica da experiência da morte por meio da poética expressa em letras de composições musicais brasileiras, em consonância com as seguintes questões: A leitura (e por que não, a produção) de textos (mais especificamente letras de músicas

brasileiras) que abordem a temática da morte a partir de outros caminhos que não reforcem a mística e o tabu em torno dela promoveria um espaço de reflexão acerca da finitude humana? Esta reflexão colaboraria com profissionais de saúde no árduo trabalho de acompanhamento dos processos de conclusão da vida com os profissionais de saúde?

2 Metodologia

2.1 À guisa de método

Para a tarefa proposta por esse trabalho, optou-se pela fenomenologia semiótica ou, mais recentemente comunicologia, proposta inicialmente por Lanigan nos anos 1970, interessada na experiência da consciência como em sua natureza e função. Em seu modelo, a experiência consciente é tomada como um ato comunicativo expresso por um corpo em um determinado ambiente. Por consciência, Lanigan entende um movimento sinérgico na reversão entre percepção e expressão, na medida em que a fenomenologia semiótica, é tributária da fenomenologia existencial de Merleau-Ponty, para quem a percepção é o objeto unitário da consciência imediata ao mesmo tempo em que é a experiência imediata desse objeto, não sendo, portanto, sensação ou intelecto (GOMES, 1997; GOMES, 1998; HILL; GAUER; GOMES, 1998; OLIVEIRA; OLIVEIRA; GOMES; GASPERIN, 2004; RIGOTTO; GOMES, 2002).

Segundo Gomes (1998):

O modelo [de fenomenologia semiótica] pressupõe uma consciência: a) que é um ato afirmativo de uma vida psicológica - isto é, a operação integrada das funções cognitivas e conativas; b) que é o desenvolvimento de uma identidade psicológica, isto é, a função integralizadora de um sentido de si mesmo que permanece nas lembranças de minha memória, nas atividades do meu pensamento e nas projeções e expectativas do meu futuro; e c) que é um agente de uma comunicação continuada e crítica das condições externas e internas que parecem constituir, a cada momento, o sentido de quem eu sou, de onde estou, do que faço agora, para quê, como estou e assim por diante (Lanigan, 1992). Importa para a comunicologia que a capacidade de ter consciência, é constituído, validado e confirmado (sic) pela realização de um outro fenômeno que é a consciência de ter esta capacidade. Em contraste, a habilidade de mostrar-se consciente é constituído, validado e confirmado (sic) pela atualização de um outro fenômeno que são os meios através dos quais eu indico que estou consciente. Note o uso dos termos realização e atualização. Realização refere-se ao fenômeno da consciência como capacitação ou potencialidade, isto é, consciência da experiência como o processo de junção de sujeito (consciência) e objeto (experiência) enquanto julgamento. Atualização refere-se ao fenômeno da consciência como habilidade, isto é, experiência da consciência, também o processo de junção de sujeito (consciência) e objeto (experiência), enquanto atividade (GOMES, 1998, p. 25).

Buscou-se, no dizer de Moreira (2002) o sentido criado quando um padrão de

experiência emerge. Para tanto, as etapas de descrição, de redução e de interpretação, fundamentais no método fenomenológico, desde Husserl, foram obedecidas atendendo a uma análise semiótica ou hermenêutica.

2.2 Entrevistas musicais (ou letras musicais entrevistáveis)

Se é fato que Apolo (deus mitológico da música) homenageia seu amado Jacinto para dar sentido ao som de sua lira (BULFINCH, 2001), vale introduzir o tema da música sublinhando que ela, a mando de seu deus, encontrou sentido e direção na reverência ao amado morto (ou à morte).

A música possivelmente origina-se no temor humano frente aos fenômenos naturais - como uma necessidade primitiva de defender-se e/ou comunicar-se. Tudo indica que, orientada por sons repetidos e ritmados, nasce imbricada com o movimento primevo da dança.

O som que atravessava os corpos humanos – seja por provocação, espontaneidade ou emissões da natureza – mistura-se à vida na mesma medida em que as palavras começam a ganhar significado e a fazer sentido. Daí, foram acontecendo e revelando-se novas simbologias no contexto e na história dos seres humanos. Nas primeiras frases musicais proferidas (e por um período bastante longo), a característica que atravessava diversos tipos de manifestações sonoras era a necessidade de aliar tais arremedos musicais a cerimônias religiosas e/ou mágicas.

A história oral transmitida por gerações indica que rudimentos frásicos musicais foram tornando-se cada vez mais complexos e que acessórios que emitiam sons foram, concomitantemente, agregando-se e misturando-se à voz humana - surgiram os primeiros instrumentos musicais. No entanto, nesse período inicial, inexistem indicativos de que sequências sonoras (ou musicais) tenham sido registradas formalmente visando sua reprodução fidedigna *a posteriori*.

Dois dos mais antigos livros da história humana aludem à música: a Bíblia e o Alcorão. Em lendas, poemas, sagas e tradições, referências musicais são frequentes. Em boa parte dos elementos culturais preservados (monumentos, inscrições, pinturas), representações de instrumentos e gestos de danças e de cantos, sinalizam uma tentativa humana de conciliar ou repudiar espíritos (bons e/ou maus). A música envolve os humanos em seus mais diversos episódios cotidianos: na celebração dos nascimentos, das guerras, das núpcias, na evocação de deuses ou forças da natureza e, também, na morte –

nas cerimônias fúnebres da plebe ou da realeza, dos humanos civilizados ou tribais, de todas as raças, etnias, credos e classes sociais.

Para os gregos, que deram origem à palavra música (*mousikê*), esta encerra os sentidos de poesia, dança, canto, declamação e matemática, sendo ofício das musas. Em várias representações pictóricas da Antiguidade, encontram-se musas, divindades e animais entoando cânticos e tocando instrumentos.

A força da música atravessou tempo e espaço aportando na *terra brasilis*. Aliou-se a manifestações indígenas ao mesmo tempo em que agregava, vindo dos porões das naus, o canto e o batuque africanos (CAZES, 2005). A música, por seu caráter equitativo e representativo de todas as camadas sociais da simbologia brasileira, como cenário e estofo para a compreensão da alma do povo e da própria alma, possibilita uma compreensão da morte - quase como que a percorrer um caminho humano óbvio (ABRIL CULTURAL, 1977).

A música (derradeiro termo e princípio da animação humana) não é de outra forma se não o som que revela o silêncio ao passo que é o silêncio que revela a sonoridade. As pausas musicais são tão preciosas quanto as notas; os acordes tão valiosos quanto o interlúdio. Aliás, nessa intermitência, vale lembrar a frase que se desenha em um pórtico de cemitério interiorano e que intitula o contundente e impecável filme de Masagão: “Nós que aqui estamos por vós esperamos” (MASAGÃO, 1999).

Segundo o parecer de Gomes (1998), relativo à resolução do problema que se enfrenta para acessar à experiência consciente, tem-se que:

A fenomenologia semiótica contribui para a solução deste problema redefinindo a relação entre experiência e consciência. Para esta teoria, os objetos da experiência apresentam-se à consciência em forma de linguagem e em forma de linguagem especificam-se na experiência. Trata-se de um conceito amplo incluindo a linguagem plástica, **musical** [grifo da autora], verbal ou gestual (GOMES, 1998, p. 29).

Essa premissa, apoia a possibilidade de se considerar letras musicais brasileiras com vigor suficiente para alcançarmos uma compreensão fenomenológica da morte, 20 (vinte) letras musicais mimetizando entrevistas foram extraídas dos *sites* oficiais de seus autores ou representantes - quando necessário, verificou-se, também, encartes discográficos. A seleção das obras foi deliberada pela autora, sendo sua intencionalidade e conveniência os principais critérios utilizados na escolha das unidades representativas (RIGOTTO; GOMES, 2002).

Como operações técnicas, de acordo com Gomes (1998), elencaram-se: as letras de músicas brasileiras (tomadas como entrevistas), as definições de unidades mínimas de

sentido (temáticas emergentes), a elaboração de sínteses descritivas de cada trecho de letras musicais e, por fim, definição das grandes categorias (GOMES, 1998).

O Quadro 1 apresenta uma síntese das temáticas emergentes (TE) - crueldade, desamparo, heroísmo, imprevisibilidade, moto-perpétuo, mutilação e vulnerabilidade –, das referências musicais das quais se extraiu o trecho referente à morte, dos anos de gravação fonográfica da música, do momento epocal brasileiro (marcado pelo regime político vigente) e do gênero/estilo musical da letra selecionada. Nota-se que a maioria das letras musicais selecionadas foram (i) gravadas entre as décadas de 1960 e 1980, (ii) pertencentes à Música Popular Brasileira (MPB) e (iii) gravadas durante o período ditatorial e de abertura política no Brasil (contemplando momentos que foram denominados pré-ditatorial - antes de 1º de abril 1964; ditatorial inicial – de 1º de abril de 1964 a 13 de dezembro de 1968 (data do Ato Institucional nº 5); ditatorial agudo – marcado pelo AI-5 até o início da chamada abertura política em 1974, abertura política – entre 1975 e 1984).

Quadro 1: Temáticas emergentes, referências musicais, ano de gravação, momento epocal brasileiro e gênero/estilo musical das unidades de análise

Temática Emergente (TE)	Referência Musical	Ano de Gravação	Momento Epocal Brasileiro	Gênero/Estilo Musical
1. Crueldade	Faces da Morte	1986	Redemocratização	Rock (Punk)
	Regimento da Morte	1987	Redemocratização	Rock (Heavy metal)
2. Desamparo	A Morte do Vaqueiro	1963	Período pré-ditatorial	Toada
	Construção	1971	Período ditatorial agudo	MPB
	De Frente pro Crime	1975	Abertura política	MPB
	Funeral de um Lavrador	1965	Período ditatorial inicial	MPB
3. Heroísmo	Hino da Independência do Brasil	1822	Brasil torna-se independente de Portugal	Hino
	Pra Não Dizer que Não Falei das Flores	1968	Período ditatorial inicial	MPB
	Sentinela	1980	Abertura política	MPB
4. Imprevisibilidade	A Morte	1977	Abertura política	MPB
	Canto para Minha Morte	1976	Abertura política	MPB
5. Moto-perpétuo	Encontros e Despedidas	1985	Redemocratização	MPB
	Sangue e Pudins	1976	Abertura política	MPB
	Soy Loco por Ti, America	1967	Período ditatorial inicial	MPB
	Travessia	1967	Período ditatorial inicial	MPB
6. Mutilação	Angélica	1977	Abertura política	MPB
	Chora Brasileira	1985	Redemocratização	MPB
	Pedaço de Mim	1978	Abertura política	MPB
	Valsa de Eurídice	1966	Período ditatorial inicial	MPB
7. Vulnerabilidade	Cobaias de Deus	1989	Redemocratização	MPB

Fonte: Elaboração da própria autora

3 Resultados e Discussão

A seguir, apresentam-se em três etapas os resultados e discussão. Na primeira etapa, em consonância com o método fenomenológico existencial, a descrição (por temática emergente, tendo como destaque o trecho da letra musical selecionado). Na sequência, a etapa de redução é apresentada e, por fim, a etapa de interpretação fenomenológica cotejando descrição e interpretação.

3.1 Descrição

Nesta primeira etapa, de acordo com a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty e em consonância com o proposto por Husserl, ocorre uma descrição da experiência consciente, colocando-se em suspensão (entre parênteses) preconceitos (pré-juízos) que venham a influenciar essa experiência consciente (nesse caso, a partir das letras musicais tomadas como entrevistas). Segundo Gomes (1998), esta etapa deve se ater à experiência consciente como o conteúdo expresso da maneira como ele aparece na estrutura linguística (GOMES, 1998; HILL; GAUER; GOMES, 1998).

3.1.1 Crueldade (TE1)

Gritos de pânico
Tomados pelo medo
Sentindo no ar
As faces da morte
Corpos corroídos
De humanos retalhados
A foice da morte
Reinando na terra
(Faces da Morte, LOBOTOMIA, 1986)

Mentes sanguinárias
Ordenadas para matar
Gritos inúteis de dor
Se misturam com as explosões
No amanhecer da guerra
O triunfo da morte
Destruir e mutilar
(Regimento da Morte, HOLOCAUSTO, 1987)

A morte como ato de crueldade perpetrado por outros humanos é o tema central das estrofes destacadas. Na primeira, a morte empunha sua foice, que reina na terra, ceifando vidas – personificação muito utilizada na iconografia da morte. Ela (a morte), a soberana, é quem decide o destino dos pobres mortais, sendo cruel e sanguinária. Na segunda estrofe, encontra-se esse mote explicitado na figura da guerra que exerce sua

crueledade e, sob o comando de “mentes sanguinárias”, jamais irá se condoer com a morte alheia.

3.1.2 Desamparo (TE2)

Sacudido numa cova
Desprezado do Senhor
Só lembrado do cachorro
Que inda chora
Sua dor
É demais tanta dor
A chorar com amor
(A Morte do Vaqueiro, GONZAGA; BARBALHO, 1963)

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado
(Construção, HOLLANDA, 1971)

Tá lá o corpo estendido no chão
Em vez de rosto uma foto de um gol
Em vez de reza uma praga de alguém
E um silêncio servindo de amém
Sem pressa foi cada um pro seu lado
Pensando numa mulher ou num time
Olhei o corpo no chão e fechei
Minha janela de frente pro crime
(De Frente pro Crime, BOSCO; BLANC, 1975)

É uma cova grande pra tua carne pouca
Mas a terra dada não se abre a boca
É a conta menor que tiraste em vida
É a parte que te cabe deste latifúndio
(É a terra que querias ver dividida)
Estarás mais ancho que estavas no mundo
Mas a terra dada não se abre a boca
(Funeral de um Lavrador, HOLLANDA; MELO NETO, 1965)

Referidos a estratos sociais menos privilegiados, destaca-se, no primeiro excerto, a ausência de importância do homem do campo, abandonado até mesmo por um deus da concepção cristã. A rotina urbana que conduz humanos como se fossem autômatos faz da morte de um operário algo que se presta tão-somente a um incômodo no trânsito das grandes cidades. Nesta cena, o desamparo aparece na falta de relevância que é dada ao cadáver transformado em estorvo. Igualmente, o “corpo estendido no chão”, agora fruto da violência urbana, incomoda, obstaculizando o dia a dia. Mas, nesse corre-corre citadino, rapidamente a harmonia se restabelece e essa morte violenta é represada na janela que se fecha. O desamparo se concretiza na última estrofe destacada na letra de

outra canção: produto da reverência que a vida não prestou ao campesino. Estar, em sua cova, mais ancho do que estava no mundo, estampa o desamparo que a vida dedicou a esse homem do campo sem direito a nada numa propriedade latifundiária que não lhe pertencia.

3.1.3 Heroísmo (TE3)

Brava gente brasileira!
Longe vá... temor servil:
Ou ficar a pátria livre
Ou morrer pelo Brasil
(Hino da Independência do Brasil, BARROS; BOURBON, 1822)

Há soldados armados, amados ou não
Quase todos perdidos de armas na mão
Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição
De morrer pela pátria e viver sem razão
(Pra Não Dizer que Não Falei das Flores, VANDRÉ, 1968)

Morte, vela, sentinela sou
Do corpo desse meu irmão que já se foi
Revejo nessa hora tudo que aprendi
Memória não morrerá
(Sentinela, NASCIMENTO; BRANT, 1980)

O heroísmo que vence a morte morrendo em nome de um ideal. No primeiro trecho, a ideia de libertação ou liberdade sobrepondo-se à vida: “ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil”. Da mesma forma: “nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição, de morrer pela pátria”. Mas, neste caso, fala-se de uma hegemonia militar que não prima pela dignidade humana. Contrariamente, ela impõe ao humano uma lealdade aos seus próprios alzoques – os militares dominantes nos tempos infelizes da ditadura militar - os “anos de chumbo”. Por fim, observa-se a presença eterna – verdadeira transcendência – do defunto herói na memória daqueles que o velam e ressaltam seu heroísmo.

3.1.4 Imprevisibilidade (TE4)

A morte é rainha que reina sozinha
Não precisa do nosso chamado
Recado
Pra chegar
Ociosas, oh sim
As rainhas são quase sempre prontas
Ao chamado dos súditos
Súbito colapso
Pode ser a forma da morte chegar
(A Morte, GIL, 1977)

Vou te encontrar vestida de cetim,
Pois em qualquer lugar esperas só por mim
E no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo, mas tenho
que encontrar

Vem, mas demore a chegar.
 Eu te detesto e amo morte, morte, morte
 Que talvez seja o segredo desta vida
 Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida
 (Canto para Minha Morte, SEIXAS; COELHO, 1976)

A morte sedutora e mulher é a responsável pelo destino de muitos mas, misteriosa como o feminino, está sempre a revelar-se imprevisível, como destacado no primeiro trecho, o reinado dessa morte-mulher que, rainha e ociosa, não se ata a nenhuma agenda. Sua generosidade, porém, atende prontamente ao chamado de seus súditos. No segundo excerto, a figura da morte, elegante, vestida de cetim à espreita. Todos sabem: um dia haverá o encontro, face a face, e a finitude se dará – a morte guarda, concomitantemente, o laço que mantém vivo o humano e o segredo que o fará perecer.

3.1.5 Moto-perpétuo (TE5)

Todos os dias é um vai-e-vem
 A vida se repete na estação
 Tem gente que chega pra ficar
 Tem gente que vai pra nunca mais
 Tem gente que vem e quer voltar
 Tem gente que vai e quer ficar
 Tem gente que veio só olhar
 Tem gente a sorrir e a chorar
 (Encontros e Despedidas, NASCIMENTO; BRANT, 1985)

Não quero saber quem sou
 Morro de medo
 Nem quero saber aonde vou
 É muito cedo
 (Sangue e Pudins, FAGNER; SILVA, 1976)

Estou aqui de passagem
 Sei que adiante um dia vou morrer
 De susto, de bala ou vício
 Num precipício de luzes
 Entre saudades, soluços, eu vou morrer de braços
 Nos braços, nos olhos
 Nos braços de uma mulher
 (Soy Loco por Ti, America, GIL; CAPINAM, 1967)

Vou seguindo pela vida
 Me esquecendo de você
 Eu não quero mais a morte
 Tenho muito que viver
 Vou querer amar de novo
 E se não der não vou sofrer
 Já não sonho, hoje faço
 Com meu braço o meu viver
 (Travessia, NASCIMENTO; BRANT, 1987)

A morte como propulsora da própria vida - como um movimento que é vida; seu próprio moto-perpétuo. “Todos os dias é um vai-e-vem, a vida se repete na estação” conta

uma vida que se vai no caminho dos que morrem, mas que chega quando nascem os que vêm. Do mesmo modo, não querer saber-se, alegando que ainda é muito cedo, faz da vida um mistério a ser conhecido. E mais, sempre será muito cedo, independentemente do tempo cronológico decorrido, uma vez que o que importa é manter o mistério. Na sequência, alusão a estar aqui de passagem, como todas as outras pessoas e coisas no mundo, exceto pelo fato de que os humanos têm consciência de que a vida é moto-contínuo e de que a morte advirá, posto que é inexorável. Por fim, “pequenos morrerres” necessários para que a vida continue numa mesma pessoa – “eu não quero mais a morte, tenho muito que viver”. Resta a ideia de que o movimento de morrer-renascer-viver-morrer-renascer é, nele mesmo, esse movimento perpétuo.

3.1.6 Mutilação (TE6)

Quem é essa mulher
Que canta como dobra um sino
Queria cantar por meu menino
Que ele já não pode mais cantar
(Angélica, HOLLANDA; MILTINHO, 1977)

Ver a face de um filho,
Mista de sangue e poeira,
Chora, brasileira,
Chora, carpideira,
E chora
(Chora Brasileira, TINOCO; LESSA; GUEDES, 1989)

Oh, pedaço de mim
Oh, metade arrancada de mim
Leva o vulto teu
Que a saudade é o revés de um parto
A saudade é arrumar o quarto
Do filho que já morreu
(Pedaço de Mim, HOLLANDA, 1978)

Não há nada que conforte
A falta dos olhos teus
Pensa que a saudade
Mais do que a própria morte
Pode matar-me
Adeus
(Valsa de Eurídice, MORAES, 1966)

A mulher que canta como dobra um sino não tem identidade. Ela apresenta-se mutilada pela ausência do filho que já não pode mais cantar (inanimado pela morte). O outro ausente, principalmente no amor materno, traz ao vivente a cicatriz mutiladora. De igual modo, a face de um filho mista de sangue e poeira, revivendo o martírio de Cristo, borda na procissão do senhor morto a mutilação sofrida pela mãe ceifada de seu rebento.

No terceiro trecho, a saudade traduzida por “arrumar o quarto do filho que já morreu” ressalta o poder mortificante que o adeus numa relação amorosa pode impingir a alguém. De forma análoga, na valsa, a amada suplica ao seu amor que pense no quanto “a saudade, mais do que própria morte” pode mortificar, mutilando-a e tornando-a morta em vida. Assim, a mutilação seja no sentido de “amputação de alguma parte do corpo seja como descaracterização ou ruína de uma ideia, de uma construção, ou ainda de uma deterioração” (HOUAISS, s.d) é a consequência trazida pela morte.

3.1.7 Vulnerabilidade (TE7)

Me sinto uma cobaia, um rato enorme
Nas mãos de Deus mulher
De um Deus de saia
Cagando e andando
Vou ver o ET
Ouvir um cantor de blues
Em outra encarnação
(Cobaias de Deus, CAZUZA; RÔ RO, 1989)

A vulnerabilidade, impotência e descartabilidade impostas pela doença súbita e aguda é a figura em destaque. A figura personificada como Deus mulher, desdenhosa, não se importa com os simples mortais. A doença como anúncio – ou mediadora – da morte é descrita como se o humano pudesse ter maior autonomia em sua vida apenas controlando a morte até vencê-la - mesmo que em outra encarnação.

3.2 Redução

A redução fenomenológica objetiva mostrar as estruturas da experiência consciente descrita – e deriva, portanto, da etapa de descrição –, visando determinar quais partes dessa descrição são essenciais à experiência consciente – tratar o tema da morte por meio de letras musicais (GOMES, 1998; HILL; GAUER; GOMES, 1998).

Como achados, a redução apontou que os poetas, em seus relatos, falam da experiência da morte por meio de quatro dimensões: (i) como uma entidade externa que caminha escolhendo suas vítimas (seja por meio da crueldade, seja pelo desamparo ou mesmo pela vulnerabilidade); (ii) que serve ao movimento da vida (moto-perpétuo e imprevisibilidade); (iii) experienciada por meio de perdas que se dão ao longo da vida (a mutilação); e (iv) que pode ser adequada (bem-vinda) porque a sociedade a justifica (o heroísmo).

3.2.1 A morte como uma entidade externa que caminha escolhendo suas vítimas (seja por meio da crueldade, seja pelo desamparo ou mesmo pela vulnerabilidade)

Na primeira dimensão, o caráter sociológico da morte é faceado. A sociedade, que se perpetua em uma organização meritocrática, determina – como se isto fosse uma atribuição dela – a reverência e importância que o ser humano deve merecer. Partindo-se do princípio meritocrático de que existem pessoas melhores e piores (mais ou menos poderosas), pressupõe-se que suas mortes têm ingerências sociais distintas, justificando atrocidades como pensar em governantes que promovem guerras e distribuem seus exércitos de acordo com o valor social que seus membros possuem (morrem os soldados sem importância e sobrevivem os poderosos gerais).

De forma semelhante, as honrarias fúnebres, os grandes féretros, são destinados aos indivíduos “socialmente importantes”, seja no que se refere à organização política, intelectual ou social. Portanto, não merecem enterros majestosos os humanos camponeses, vaqueiros, operários ou cidadãos comuns. Suas mortes não são motivo de nota na sociedade e, quando muito, elas contam nas estatísticas – desde que essas estatísticas apresentadas não venham a “denegrir” (aspas denunciando o preconceito na palavra denegrir) a sociedade. Afinal, elas podem representar acidentes em empresas ditas “probas”, que não podem ter sua imagem maculada nas páginas dos jornais, ou mesmo, maus-tratos perpetrados por poderosos fazendeiros a seus indefesos trabalhadores semi-escravizados que devem ser ignorados e escamoteados a qualquer preço.

Não por mecanismo social que se diferencie muito dos até aqui enfatizados, por vezes, a sociedade também desampara e estigmatiza aqueles que contraem alguma moléstia por terem (ou não) exercido comportamentos ditos “socialmente inadequados”, desobedecendo, assim, às regras de convívio (ou de pudor). É o que ocorre na composição Cobaias de Deus, que se refere aos doentes portadores de HIV do início da epidemia de *Acquired Immunodeficiency Syndrome (AIDS)* no Brasil e no mundo, assim como foi o martírio daqueles acometidos pela tuberculose ou sífilis há algumas poucas décadas, ou mesmo como foi a segregação dos portadores de hanseníase no início dos tempos e até o momento em alguns contextos.

3.2.2 A morte que serve ao movimento da vida (moto-perpétuo e imprevisibilidade)

A segunda dimensão, a morte como movimento na vida, estampa a possibilidade

do ser-aí, ao se apropriar de sua finitude, encarar a morte como condição humana e dar espaço ao ser-para-a-morte. Longe de ser um conceito pessimista, sombrio ou lúgubre, a morte, como parte da vida, faz com que o ser-aí se aproprie de sua existência, dando-lhe sentido. Vale lembrar a máxima husserliana de que a consciência é sempre de algo e que, assim sendo, a intencionalidade se apresenta. O ser-aí como sendo, aparentemente, o único vivente que tem consciência de sua própria morte, também possui a intencionalidade da morte, sendo constitutivamente necessário lidar com a impermanência. Sua intenção é, à luz dessa premissa teórica, a intenção de sua finitude. O que não implica em matar-se, mas sim, em “viver-se”. O ser-aí deve pensar, então, que ao escolher não se suicidar ele opta, automaticamente, por “se viver”.

3.2.3 A morte experienciada por meio de perdas ao longo da vida (a mutilação)

No que se refere à morte vivenciada nas pequenas perdas ao longo da existência (incluindo-se aí a morte de um ser amado), tem-se a possibilidade de enriquecimento do existir humano posto que, ao assumir as perdas como parte da vida, assume-se nelas a metáfora perfeita da própria finitude. Tal postura existencial poderá, assim, promover autenticidade ao ser-aí.

3.2.4 A morte que pode ser adequada porque a sociedade a justifica (o heroísmo)

Na morte que pode ser mais palatável à sociedade porque justificada, tem-se regras sociais dando sentido a um tipo de morte que deve ser “escolhida” pelo vivente, posto que ela – a morte – é sinônimo de honra, glória, dignidade ou bravura. Ou, em outras palavras, para o contexto social, aquele que morreu de forma heróica burlou em alguma medida sua vulnerabilidade à morte porque se comportou, primacialmente, de maneira ilibada na sociedade em que viveu e não foi por ela condenado às moléstias dos rebelados.

3.3 Interpretação

A interpretação fenomenológica refere-se ao sentido emanado da relação descrição-redução para alcançar o entendimento dos códigos utilizados na descrição. Gomes (1998, p. 38) ressalta, porém, que “uma descrição é sempre uma redução e uma interpretação, uma interpretação é sempre uma redução e uma descrição e, finalmente, uma redução é necessariamente uma descrição e uma interpretação”, lembrando que

acontece sempre uma sinergia entre essas etapas, ocorrendo a junção das partes que resulta em um todo maior do que a soma de suas partes (GOMES, 1998; HILL; GAUER; GOMES, 1998).

Nesse sentido, esta seção pretende articular as temáticas emergentes, como na subseção descrição, e as reduções apontadas na subseção 3.2.

3.3.1 A morte como uma entidade externa que caminha escolhendo suas vítimas: da crueldade, do desamparo e da vulnerabilidade

A vivência da morte por meio da morte do outro como tentativa de compreender a própria morte e a possibilidade de se observar humano e, portanto, potencialmente homicida, dando cabo cruelmente da vida do outro, é um tema de terror e trevas que se repete na história da humanidade. A morte é personificada pela interrupção das vidas que se vão nos campos de batalha e que se extinguem pela mão de dirigentes (ou líderes) que pensam em suas próprias vidas como sendo mais valiosas do que a de outros humanos que a eles se submetem em esquemas perversos de opressão. Corpos esfaqueados, esquartejados, mortificados, enfim, são a iconografia constante dessa expressão da morte. Sob crueldade, a reificação do humano é, na grande maioria das vezes, representada por partes desmembradas de seu corpo. Como se fosse possível particionar a morte e, sendo parte, ela deixar de ser uma ameaça totalizada.

A vivência inautêntica (ou imprópria) da morte, conduz ao pensamento de que, em se tratando de “mortes diversificadas”, essa mesma morte que os humanos podem vencer, também se apresenta de forma diferente para outros mortais a depender de sua situação social calcada na meritocracia. Existiriam, assim, categorias “melhores e piores” de morte; maneiras mais ou menos importantes de viver e, logo, mais ou menos importantes de morrer. Ao “cidadão invisível”, a morte não daria a atenção necessária para que o mesmo transcendesse na humanidade de maneira a ser perpetuado por sua lembrança, por seus feitos (ou efeitos). A morte em seu sentido ôntico cai na esparrela meritocrática de grupos sociais distintos e se dilui fazendo com que o desamparo no momento da morte represente, por extensão, todo o desamparo que durante a vida se apresentou ao sujeito.

Ao emprestar de Heidegger idéias sobre a morte, o ser-aí morre da mesma forma como vive (HEIDEGGER, 2000a); em uma existência inautêntica – por vezes desamparada – encontra-se, também, uma morte imprópria. Se o humano é um *reles* (não

pela qualidade exclusiva de reles, mas por sua inautenticidade) vaqueiro ou camponês, a morte poderá ser tão pouco importante que até um cão dará ao defunto mais reverência do que outros viventes, assim como no espaço de uma cova rasa um homem poderá se sentir mais confortável do que quando arava a terra infinita. E nos espaços urbanos, o operário tornado cadáver pela queda de uma construção e o anônimo que aparece morto em um bairro de subúrbio ou transformam-se em estorvo ou se revestem, rapidamente, de esquecimento.

A vulnerabilidade impele o ser para cognições e percepções de vidas outras que não a sua e faz com que ele se instale nesse viver como sendo uma ponte, uma passagem para outra (próxima) existência. O ser se afasta, de forma equivocada, da possibilidade de viver propriamente sua existência corrente e se desloca para outra temporalidade – supostamente fora dele mesmo – na qual o que está por vir é muito mais importante do que o que está sendo. Ledo engano! Afinal, é apenas quando Ivan Ilitch (TOLSTOI, 2002) abandona suas controvertidas doenças – que muitos especialistas tentaram descrever –, que ele se apropria de seu ciclo vital e se dá conta de sua finitude. Muito mais interessante é compreender a própria existência – com início, meio e fim – ao invés de tentar explicar por que ela está se extinguindo na “doença” – no “defeito” que sofreu a “máquina-corpo”.

Decerto, sentir-se eternamente perene, imorredouro, faz parte da condição humana. Porém, a eternidade é também o sonho malgrado do Conde Fosca no romance de Beauvoir (1989). Assim, há maior autenticidade nesse estar-aí quando, em paralelo, o ser-aí assume sua finitude e faz do “recheio” entre o nascer e o morrer uma existência que se mistura de modo apropriado com o mundo. Caso contrário, a absurdidade (SARTRE, 1997) cairá na cabeça do vivente, expondo-o peremptoriamente à corda bamba que a vida é. Ademais, uma tentativa mítica de transcendência se instala no humano que passa a contar com uma outra vida além da que ele possui, sendo essa sua forma própria de vencer a morte. Eis aí uma atribuição de sentido à vida e à finitude.

3.3.2 A morte que serve ao movimento da vida: moto-perpétuo e imprevisibilidade

É necessário compreender o ciclo vital como sendo algo que inclui a morte, não sendo ela, portanto, surpreendente. O vaivém da vida e da morte, como em uma estação de trens que movimenta o universo do qual se usufrui, promove a sensação de que o que se tem é movimento. Mas, a partir da ideia de invisível (MERLEAU-PONTY, 1992), pode-se pensar que a vida é mesmo esse movimento que não se pode capturar – é possível

percebê-lo, mas não quantificá-lo. Estar ininterruptamente na incapacidade de arrebanhar o movimento em sua totalidade, produz a possibilidade de manter o mistério da vida e pensar ser sempre cedo para poder encarar o que se é. Aliás, o que se é é inatingível posto que a completitude do ser-aí se estabelece apenas quando sua história se completa e, para tanto, é necessário morrer. Incapacitado de morrer definitivamente e continuar vivendo, o ser-aí transpassa, em sua única chance de viver, inúmeros “pequenos morrerres”, experencia a finitude de inúmeras circunstâncias de sua vida – é o moto-perpétuo eternidade-finitude-certeza-plena-dúvida-inconteste. É dessa maneira que se pode querer e não querer a morte durante a travessia da vida. Isso retrata o estar aqui de maneira não permanente, de passagem, sujeito a perecer “num precipício de luzes, entre saudades, soluços” (GIL; CAPINAM, 1967, n.p).

A imprevisibilidade da morte é uma condição humana patente. O ser-aí vive como um ser-para-morte, mas nega, em sua decadência, sua condição de mortal. Estabelece-se o paradoxo de a morte – certeza única da vida – ser para os humanos uma surpresa que se dará a qualquer momento, ceifando-os da existência. Ao mesmo tempo em que a imprevisibilidade é geradora de movimento – ser-para-morte –, a morte, assim interpretada, é também o cerne de paralisações e mediocridades. Vivendo em sua tagarelice, o ser-aí se afasta da possibilidade de viver uma vida própria e toma a morte como sua inimiga tentando, ao tentar, incansavelmente, colocar em campos opostos vida e morte como se ambas pudessem se digladiar ou, para além disso, ter a vida como vencedora da morte. É assim que essa mesma morte é perversa e obsequiosa, odiada e amada ao mesmo tempo. Ora é a rainha que atende ao chamado de seus súditos, ora se veste de cetim, seduzindo e atraindo o ser para sua finitude.

Moto-perpétuo e imprevisibilidade, portanto, fornecem à reflexão sobre o tema da morte um sentido que permeia, paradoxalmente, a morte na vida: saber que na transcendência, a vida não cessa e enfrentar na impermanência a absurdidade da morte.

3.3.3 A morte experienciada por meio de perdas ao longo da vida: mutilação

É heideggeriana a idéia de que a morte é tão particular e singular que se pode morrer no lugar de alguém, mas nunca por esse alguém. Mas, é possível, todavia, que em uma situação limítrofe alguém se ponha em perigo mortal para que uma outra pessoa sobreviva (SARTRE, 1997). Mesmo assim, a experiência da morte no outro ainda estará por vir. Por isso, este tema ratifica que há “pequenos morrerres” ao longo da existência

humana e que, alguns deles, são extremamente avassaladores traduzindo-se como se fossem mutilações – não corpóreas, mas na psique humana. A perda de um filho retira (amputa) a identidade da figura materna e traz à baila todo o choro possível quando o fato é lembrado em enlutamento. Como resultante tem-se a saudade que, em sua própria condição, tem por fundamento ser a cada dia maior e mais incrustada na pele daquele que sofre a pequena morte – porque não, a definitiva morte não se sofre o que se sofre é o morrer. A saudade pode ser traduzida pelo ato de manter o quarto do filho em perfeitas condições de uso, mesmo que este tenha morrido. E mais, a saudade pode ser pior e mais mortificante – por personificar pequenos morreres – do que a própria morte.

Mas, o sentido da mutilação ocorre no caminho reflexivo que permite ao vivente pensar que o que se sente, a saudade, é vida e não morte.

3.3.4 A morte que pode ser adequada porque a sociedade a justifica (o heroísmo)

Morrer de maneira heróica tem sido, desde a Grécia antiga, uma forma de justificar a vida. Contudo, ao mesmo tempo, vislumbra-se nesse tipo de estratégia social uma forma de se tentar justificar a própria morte. Nesse truque, a morte não alcançaria o ser humano por conta de suas fraquezas, mas sim, por conta de suas virtudes. Por esse veio, temas paralelos como honra, dignidade, braveza, coragem, luta heróica, passam a dar sentido a muitas e muitas vidas. No heroísmo, isso se apresenta de várias formas: seja estampando a figura do herói desejável que lutará pela pátria e pode por ela morrer; seja fazendo a antítese dessa faceta e, assim, iluminando o anti-herói desejável que não pode morrer fruto de uma manipulação governamental; seja, enfim, pelo ato de velar o corpo do herói que de forma desejável pode morrer e que, em sendo objeto do cuidado de outro, irá alcançar a transcendência.

Neste sentido, admitir a possibilidade da morte como estratégia social (transfigurada em heroísmo) pode trazer vida e reflexão sobre autenticidade e inautenticidade do ser-aí.

4 Considerações finais

Espera-se que esse texto possa servir como elemento de reflexão acerca da temática morte que permanece tabu no mundo ocidental. Em especial, espera-se que este artigo auxilie profissionais de saúde na abordagem da temática da morte junto a pacientes fora de possibilidades terapêuticas curativas (cuidados paliativos), suas famílias e amigos

enlutados, bem como demais profissionais dessa área envolvidos no cuidado.

Decerto que a amostra de letras musicais selecionada, por concentrar-se em um período epocal brasileiro marcado pela proximidade da ditadura estabelecida a partir do golpe civil-militar de 1964, pode trazer para a reflexão aqui exarada experiências e percepções singulares e pertinentes a esse triste capítulo da história do Brasil, limitando-se parcialmente a esse contexto. Por outro lado, acredita-se que algumas reflexões, em se tratando do tema morte (um tema universal), possam permanecer atuais e, por vezes, desafortunadamente expressando o caráter cíclico da história da humanidade.

Além disso, acredita-se que, em alguma medida, este trabalho tenha promovido uma reflexão em torno de sua questão central, uma vez que as letras musicais aqui elencadas produziram reflexões acerca da finitude humana, no intuito de colaborar com profissionais de saúde em seu trabalho de acompanhamento dos processos de finitude, seja dos pacientes com os quais se relacionam seja com os enlutados dessa morte.

Essas reflexões indicam que o tabu da morte, apesar de longo, pode ser mitigado a partir de trabalhos que promovam diálogos, reflexões e trocas produtivas em diversos âmbitos. Pela compreensão fenomenológica, surge a permanência da “morte imorredoura” como vida nas histórias humanas e o paradoxo da morte em visadas de autenticidade e inautenticidade. Questões acerca das diferenças sociopolíticas foram apontadas e desigualdades sociais oriundas de uma composição social meritocrática foram reveladas. Espera-se, portanto, que o elenco de letras musicais aqui destacado sirva como disparador não apenas para a reflexão e compreensão fenomenológica da morte, mas também, para outros temas a partir de conjuntos diversos de experiências conscientes – no dizer de Gomes (1998), “linguagem plástica, musical, verbal ou gestual” (GOMES, 1998, p. 29).

Para finalizar, uma confissão: esse trabalho moveu-se pelo espanto da autora e pela mistura dela à situação – termos esses que também têm sua significação no contexto da fenomenologia existencial. Cabe agora, cantar (como o fez o cisne) o último canto. E, por meio da morte, pensar que foram aqui estampadas facetas de seus emblemas e estigmas ao mostrá-la melodiosamente como crueldade, desamparo, heroísmo, imprevisibilidade, moto-perpétuo, mutilação e vulnerabilidade.

E, recorrendo, de forma derradeira ao poeta Drummond, encerra-se aqui esse trabalho porque:

Se de tudo fica um pouco,
Mas porque não ficaria
um pouco de mim?
(ANDRADE, 2000, p. 95)

Referências

- ABRIL CULTURAL. **Enciclopédia Novo Conhecer**. São Paulo: Abril Cultural, 1977. Vol. I, p. 312-5; Vol. X, p. 226-7.
- ANDRADE, C. D. Resíduo. In: ANDRADE, N. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p.92-95.
- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BARROS, E.F.V.; BOURBON, P.A.F.A.J.C.X.P.M.R.J.J.G.P.C.S.B., 1822. **Hino da Independência do Brasil**. Conjunto Musical da Polícia Militar do Estado de São Paulo. Banda e Coro Masculino. Discos RGE/Fermata Ltda. LP O Grito da Independência, 1972.
- BEAUVOIR, S. **Todos os homens são mortais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. 393 p.
- BORGES, M.S.; MENDES, N. Representações de profissionais de saúde sobre a morte e o processo de morrer. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 65, n. 2. p. 324-331, mar./abr. 2012. <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000200019>.
- BOSCO, J.; BLANC, A. **De Frente pro Crime**. RCA Victor. LP Caça à raposa, 1975.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia. Histórias de deuses e heróis**. 25. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- CAZES, E. Nascimento de uma identidade musical. In: DREYFUS, D. *et al.* **Raízes musicais do Brasil**. Rio de Janeiro: SESC-RJ, 2005. p.9-13.
- CAZUZA; RÔ RÔ, A. **Cobaias de Deus**. Polygram. LP Burguesia, 1989.
- FAGNER, R.; SILVA, A. **Sangue e Pudins**. CBS. LP Raimundo Fagner, 1976.
- FARIA, S.S.; FIGUEREIDO, J.S. Aspectos emocionais do luto e da morte em profissionais da equipe de saúde no contexto hospitalar. **Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 44-66, jan./jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092017000100005. Acesso em: 02 dez. 2022.
- GIL, G. **A Morte**. Gege Edições Musicais Ltda./Preta Music, 1977. “Jards Macalé”, Universal Music, CD; 2004.
- GIL, G.; CAPINAM. **Soy Loco Por Ti, America**, 1967. Gege Edições Musicais Ltda./Preta Music/Editora Musical Arlequim Ltda., LP Soy Loco Por Ti, America. Warner Music, 1987.
- GOMES, W.B. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 305-336, 1997. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641997000200015>.
- GOMES, W.B. **Fenomenologia e pesquisa em psicologia**. [S.]: Editora da Universidade – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- GONZAGA, L.; BARBALHO, N. **A Morte do Vaqueiro**. RCA Victor, 78 RPM, 1963.

- HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Parte II. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.
- HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000b.
- HILL, E., GAUER, G.; GOMES, W. B. Uma análise semiótico-fenomenológica das mensagens auto-reflexivas de filhos adultos de alcoolistas. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 93-116, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000100006>.
- HOLOCAUSTO. **Regimento da Morte**. Cogumelo Records. CD Campo de Extermínio, 1987.
- HOLLANDA, F. B. **Construção**. PHILIPS/Phonogram. LP Construção, 1971.
- HOLLANDA, F. B.; MELO NETO, J. C. **Funeral de um Lavrador**. Philips, LP Morte e Vida Severina, 1966.
- HOLLANDA, F. B.; MILTINHO. **Angélica**. Marola Edições Musicais. Warner Chappelli, LP Almanaque, 1977.
- HOLLANDA, F.B. **Pedaco de Mim**. Polygram/Philips. LP Chico Buarque, 1978.
- HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da Língua Portuguesa** [Internet]. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v5-4/html/index.php#0. Acesso em: 02 dez. 2022.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- KIERKEGAARD, S. **O desespero humano**. 6. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979.
- LANIGAN, R.L. Capta versus data: método e evidência em comunicologia. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 17-45, 1997. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000100004>.
- LOBOTOMIA. **Faces da Morte**. New Face Records. LP Lobotomia, 1986.
- MASAGÃO, M. **Nós que aqui estamos por vós esperamos**. Filme, produção, pesquisa e edição: Marcelo Masagão. Agência Observatório, 1999.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- MORAES, V. **Valsa de Eurídice**. Mercury. LP Vinícius de Moraes: Poesia e Canção (Ao Vivo) Vol.2, 1966.
- MOREIRA, D.A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson; 2002.
- MOURA, C.A.R. Husserl - Intencionalidade e fenomenologia. **Revista Mente, Cérebro e Filosofia**, São Paulo, série especial, n. 5, p. 7-15, 2007.
- NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Travessia**. Codil. LP Milton Nascimento, 1967.
- NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Sentinela**. Ariola. LP Sentinela, 1980.
- NASCIMENTO, M.; BRANT, F. **Encontros e Despedidas**. Barclay/PolyGram. LP Encontros e Despedidas, 1985.

NASSER, S. N. *et al.* O impacto da morte em profissionais da saúde no contexto hospitalar. **Revista PsicoFAE: Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, v. 9, n. 2, p. 58-66, nov./dez. 2021. Disponível em: <https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/view/281>. Acesso em: 02 dez. 2022.

OLIVEIRA, V. Z.; OLIVEIRA, M. Z.; GOMES, W.B.; GASPERIN, C. Comunicação do diagnóstico: implicações no tratamento de adolescentes doentes crônicos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 9-17, abr. 2004. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722004000100003>.

PETRONIO, R. Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas. **Cadernos IHU ideias**, São Leopoldo, v. 20, n. 329, p. 1-81, 2003. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/329cadernosihuideias.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

RIGOTTO, S.D.; GOMES, W.B. Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 1, p. 95-106, jan./abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/n5ZWt5LNctft4VXQZbf4qqQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada**. 13. ed. revista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

SEIXAS, R.; COELHO, P. **Canto para Minha Morte**. Philips/Universal Music. LP Há 10 Mil Anos Atrás, 1976.

TINOCO, D., LESSA, R.; GUEDES, F. **Chora Brasileira**. Velas Produções Artísticas e Musicais Ltda. LP Coração de Louca, 1989.

TOLSTOI, L. **A morte de Ivan Ilitch**. Porto Alegre: L&P Editores, 2002. 112 p.

VANDRÉ, G. **Pra não Dizer que Não Falei das Flores**, 1968. Simone. EMI-Odeon. LP Ao Vivo no Canecão, 1980.

Recebido em: 30 de abril de 2021.

Aceito em: 08 de dezembro de 2022.